



REVISTA  
**GEOGRÁFICA**  
UNIVERSAL

Manaus, Rio Branco, Boa Vista, Porto Velho (via aérea), Cr\$ 90,00

O DESAFIO  
DA CULTURA  
INDÍGENA

SEMANA  
SANTA NA  
GUATEMALA

A ARTE  
MÁGICA DE  
KHAJURAH

O CORAÇÃO DO  
MUNDO EM  
NOVA IORQUE



Índio Kamaiurá — Foto Hannes Gasser

**Nova Iorque: Capital do Mundo.** Mais importante complexo urbano do planeta, gigantesco centro financeiro e cultural, Nova Iorque é de fato a capital do mundo. Pág. 7

**Semana Santa na Guatemala.** O fotógrafo Gilles Peress participa, em várias cidades e aldeias da Guatemala, das festas da Semana Santa, que misturam santos cristãos e divindades maias. Pág. 26

**O Desafio da Cultura Indígena.** Como conseguem os índios brasileiros, ainda hoje e apesar de tudo, manter sua cultura? Texto e fotografias de J. Américo Peret. Pág. 56

**A Arte Mágica dos Templos de Khajuraho.** Na Índia central encontram-se os pontos culminantes da arquitetura indo-ariana. Texto de Fred Madersbacher e fotografias de Luiz Claudio Marigo. Pág. 70

**Capa: Índios Juruna do Xingu.** (Foto Hannes Gasser)

**BLOCH EDITORES S.A.**

**DIRETORIA**  
ADOLPHO BLOCH  
OSCAR BLOCH SIGELMANN  
PEDRO JACK KAPPELLER

**DIRETORES**  
DIRCEU TORRES NASCIMENTO  
MURILO MELO FILHO  
ARNALDO NISKIER  
ISAAC EDUARDO HAZAN  
PAULO PELLICANO  
ZEVI GHIVELDER  
LEONARDO BLOCH

**DIRETOR RESPONSÁVEL**  
MURILO MELO FILHO

**REVISTA  
GEOGRÁFICA  
UNIVERSAL**

**EDITOR**  
Zevi Ghivelder

**EDITOR-EXECUTIVO**  
Lincoln Martins

**REDAÇÃO**  
Antônio Callado de Paiva  
Denise Pires Vaz  
Márcia Inez V. Cabral

**ARTE**  
Vera Duarte

**FOTOGRAFIA**  
Gervasio Baptista

**PESQUISA FOTOGRÁFICA**  
Hélio Santos

**CARTOGRAFIA**  
Lucio Brígido  
Sérgio B. Mello  
José C. Campanha

**PRODUÇÃO**  
Edmilson Alcântara Leite  
**SERVIÇOS EDITORIAIS**  
Celio Lyra

**DEPARTAMENTO COMERCIAL**  
Expedito Grossi

**PUBLICIDADE**  
David Klajmic  
Francisco Lins  
Roberto Antunes

**RIO DE JANEIRO**  
Osmar Gonçalves  
Paulo Cesar Lo Bianco

**ADMINISTRAÇÃO E REDAÇÃO**  
Rua do Russell, 804  
Tel.: 265-2012  
Telex: (021) 21525 — Rio de Janeiro

**CIRCULAÇÃO**  
Francisco Tavora Heitmann

**PARQUE INDUSTRIAL**  
Rua Cordovil, 520. Lucas  
Tel.: 391-6000  
Telex: (021) 22751  
Rio de Janeiro

**DISTRIBUIÇÃO**  
Distribuidora Imprensa Ltda.  
Rua do Resende, 100  
Tel.: 244-3137  
Rio de Janeiro

**BRASILIA**  
Flávio Cavalcanti Jr.  
Setor de Indústrias Gráficas.  
Quadra 1, Lote 939  
Tel.: 223-5410  
Telex: (061) 1058

**SÃO PAULO**  
Diretor  
Pedro Jack Kapeller  
Salomão Schwartzman  
Comercial  
Paulo Poucinha  
Administração  
Arnaldo Vitulli  
Publicidade  
Márcia Lilia Alvite

**CASA DA MANCHETE**  
Av. Europa, 21 — Tel.: 282-3122

**ESCRITÓRIOS ADMINISTRATIVOS**  
Av. Nove de Julho, 5.435  
Administração e Redação — 5.º andar  
Tels.: 282-3239 — 282-3150 e 282-3430  
Dept. Comercial, Marketing, Tráfego e Gráficos  
— 6.º andar  
Tels.: 282-3464 — 282-3227 e 282-3522  
Telex: (011) 21161

**MINAS GERAIS**  
Lúcio Portella  
Av. Afonso Pena, 1.500, 16.º andar  
Tels.: 226-6677 e 226-6554 — Belo Horizonte  
Telex: (031) 1058

**RIO GRANDE DO SUL**  
Edgard Wallau Júnior  
Rua Otávio Rocha, 115, 18.º andar  
Tels.: 24-4744 e 25-4972 — Porto Alegre  
Telex: (051) 1042

**PERNAMBUCO**  
Fernando Câmara Cascudo  
Av. Dantas Barreto, 498 — 2.º e 3.º andares  
Tels.: 224-0585 e 224-0454 — Recife  
Telex: (081) 1084

**BAHIA**  
Natan Reis  
Av. Antônio Carlos Magalhães,  
Centro Empresarial Iguatemi  
Módulos 202 e 203 — 2.º pavimento — Bloco "A"  
Tels.: 244-3489 e 244-3581 — Salvador

**PARÁ**  
Isaac Soares  
Rua Campos Sales, 268, conj. 901  
Tel.: 22-6845 — Belém

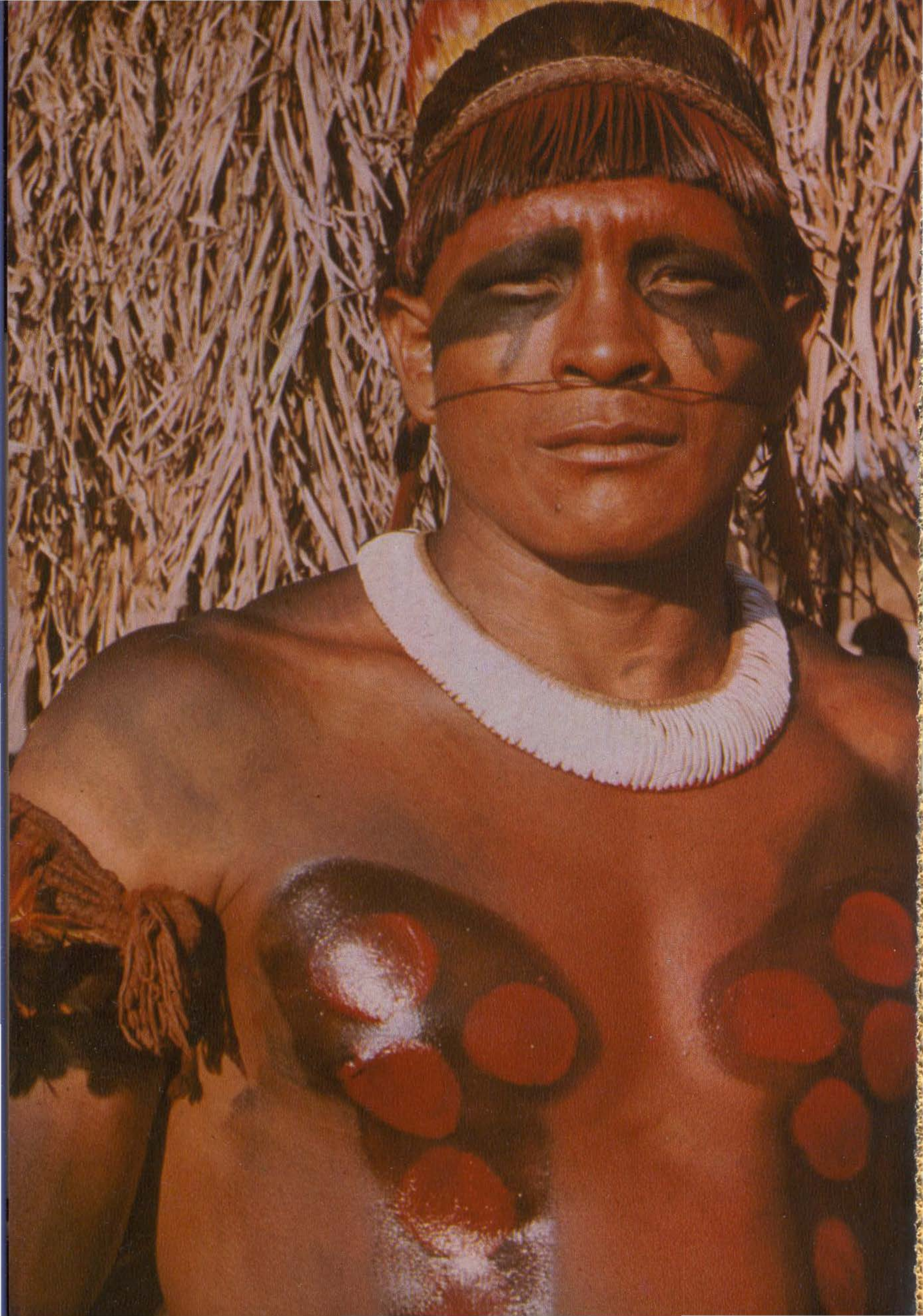
**PARANÁ**  
José Schlapak  
Rua Marechal Deodoro, 211, 8.º andar, conj. 806  
Tel.: 24-8263 — Curitiba Telex: (041) 5202

**NOVA IORQUE**  
Sérgio Alberto da Cunha  
680 Fifth Avenue, room 1.302  
New York — NY 10.019  
Tel.: (212) 246-8870  
Telex: (23) 224440 BLOCH UR

**PARIS**  
Sylvio Amaro da Silveira  
4, Place de La Concorde  
Paris, 8ème, França  
Tels.: 742-6174 e 742-6749  
Telex: (42) 280240

**MILÃO**  
Daisy Benvenuti,  
Via del Bollo, 3  
Milano, 20121 — Itália Tel.: 87-4007

**TOQUIO**  
Angel Esteves Dominguez  
1-10-11 - Higashigotanda  
Shinagawa-Ku — Japão  
Tels.: 445-4375 e 445-4383  
Telex: (72) 287336



O que se sabe realmente do índio brasileiro? Qual era a sua população original? Como tem sido percebida sua imagem nos inúmeros contatos com os brancos, durante toda a história? Existem duas formas de entender o índio: em função dos contatos indiscriminados com os brancos, e por seus valores culturais autênticos, que permanecem intatos.

Nossa história registrou como primeira biografia do índio brasileiro a carta de Pero Vaz de Caminha, escrivão da frota de Cabral, ao rei de Portugal, D. Manuel I: "Bem curados, limpos, gordos, formosos, gentis, de olfato aguçado, sentido atento e capazes de perceber os mais leves ruídos e odores..." Depois, durante os primeiros séculos de exploração, defesa e ocupação de nosso território, surgiram os mais graves problemas entre os nativos e os colonizadores. E os índios, que haviam sido considerados bons e hospitaleiros, passaram a ser vistos como selvagens, irracionais, privados até de alma. O Papa Paulo III, para conter as violências, publicou um breve "reabilitando os índios no seu verdadeiro reino zoológico, declarando-os seres humanos". Mas, por questões políticas, esse breve foi revogado no ano seguinte (1538).

Mais tarde, o Padre Antônio Vieira declarou que só no Maranhão e apenas de 1600 a 1632, dois milhões e quinhentos mil índios foram mortos pelas guerras, escravidão e doenças, sob a responsabilidade dos europeus.

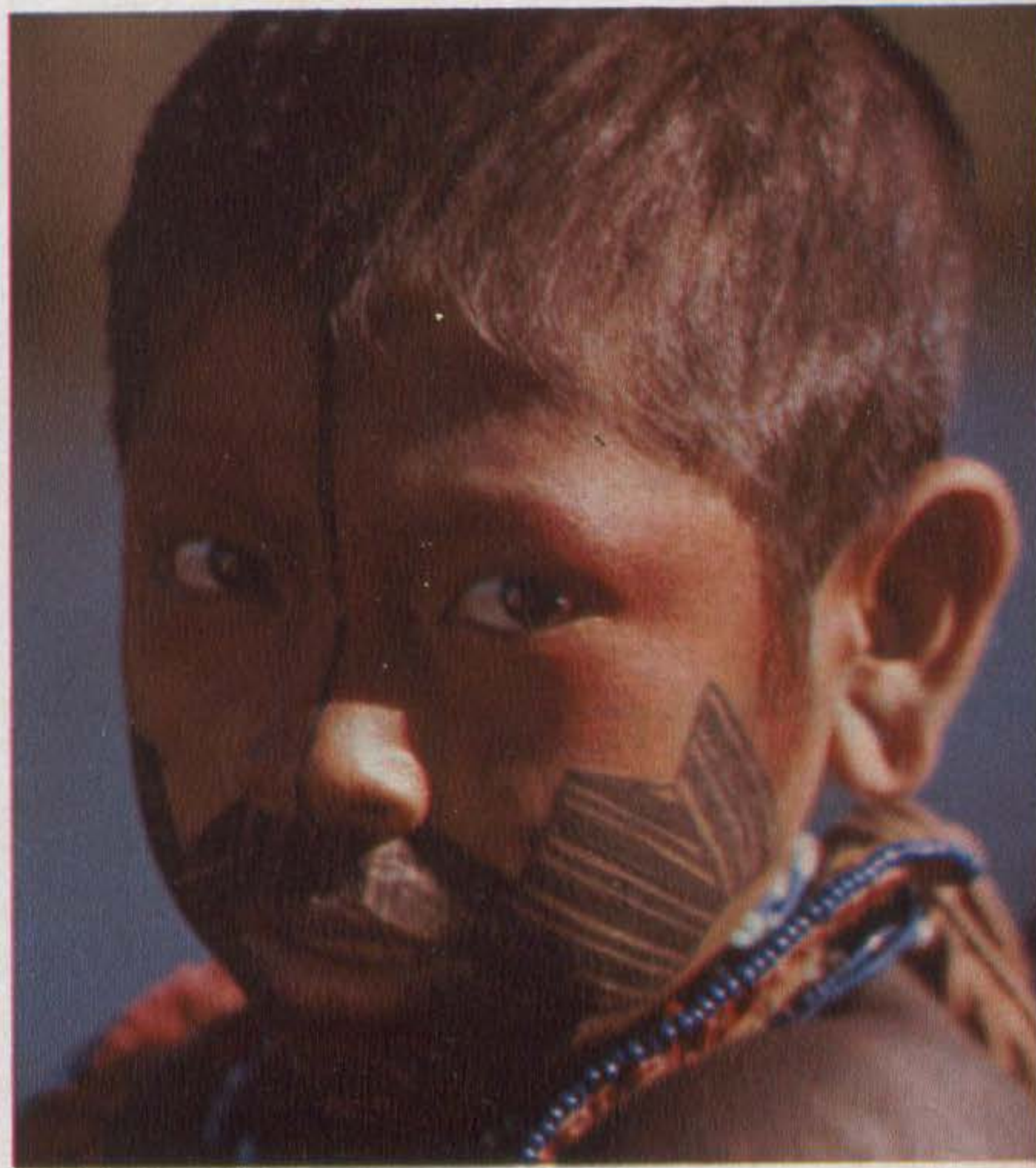
E só quase três séculos depois Rodolfo Miranda, ministro da Agricultura, com o Decreto n.º 8.072, de 20 de junho de 1910, criou o Serviço de Proteção aos Índios (atual FUNAI — Fundação Nacional do Índio), cuja administração confiou ao então Coronel Rondon.

Em seu relacionamento com frentes pioneiras alguns grupos indígenas foram absorvidos completamente. Outros não resistiram aos choques interétnicos, e seus remanescentes sobrevivem aculturados à margem de nossa sociedade. Os restantes, assistidos nas reservas, conservam seus reais valores culturais intocados, não obstante os contatos com os brancos e com outros grupos indígenas.

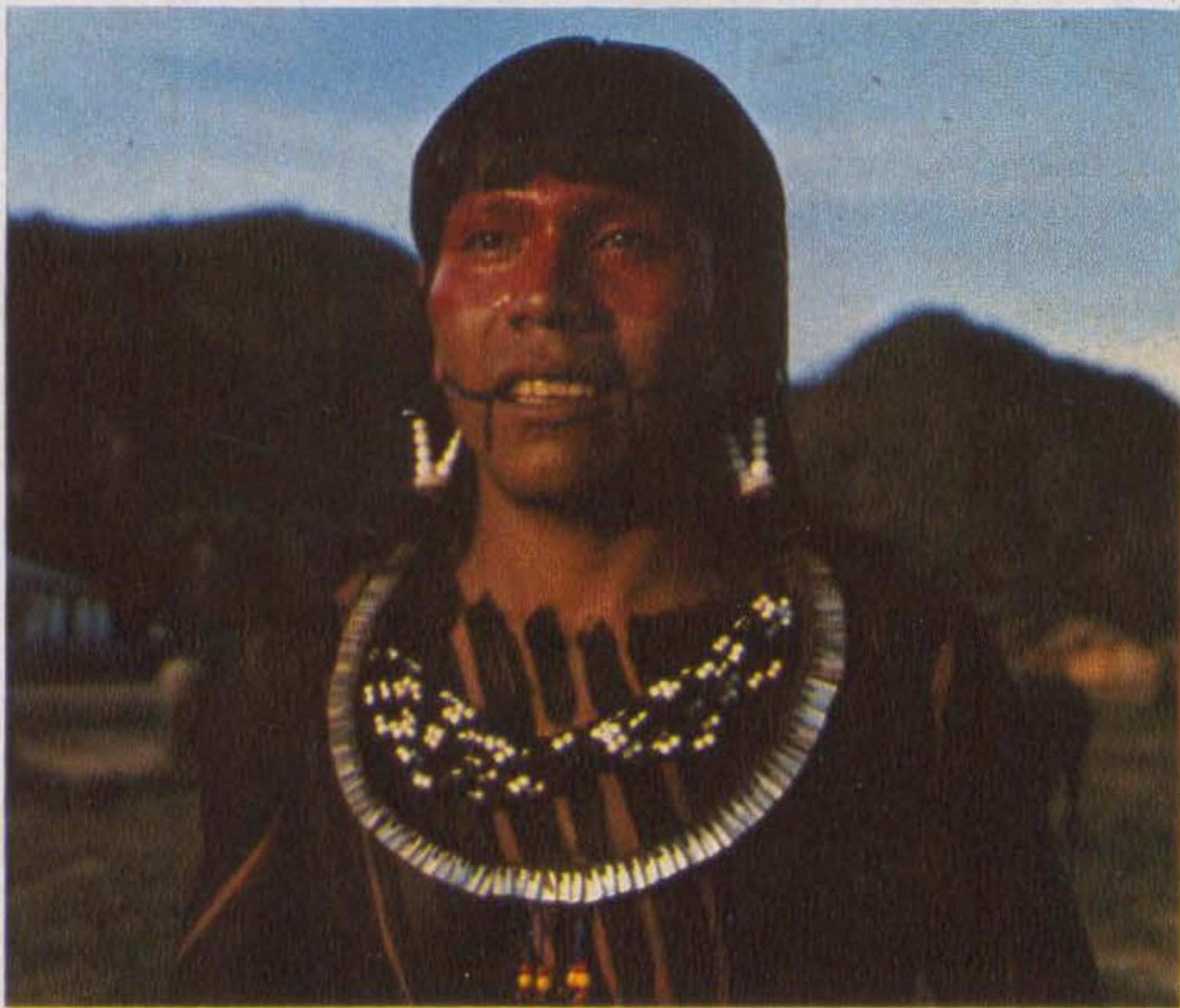
**P**ERGUNTA-SE como um povo tão primitivo pode preservar informações tão antigas e, de certa forma, atuais? Como consegue perpetuar suas tradições? Na maioria das sociedades tribais, existe uma *escola-internato*, com denominação própria: *Aruanã-Hetô* (Casa das Máscaras Sagradas), dos índios Karajá; *Ngóbe* (Casa do Homem), dos Kayapó; *Tapanauanã* (Casa das Flautas), dos

# O Desafio da Cultura Indígena

Texto e fotografias de  
J. AMÉRICO PERET



*Os Kamaiurá (Tupi) vivem no Estado de Mato Grosso, e o contato com a Funai não chegou a alterar sua cultura. O guerreiro Kamaiurá (foto na página anterior) usa plumária, colares de moluscos e pintura vermelha do urucum e preta do carvão. Já os Kayapó (Jê) habitam o Pará. O menino da foto em cima está pintado com tinta de jenipapo (azulada), que lhe identifica o clã e a idade.*



**Com os Gorotire (Jê) do Pará** o contato é antigo, mas sua organização não se alterou. A pintura de jenipapo (foto ao lado) identifica o clã, a idade e o estado civil desses indígenas. A mãe índia (embaixo, à esquerda) revela-se muito carinhosa com os filhos, cuidando de sua aparência. Embaixo, jovens guerreiros exibem uma arara.

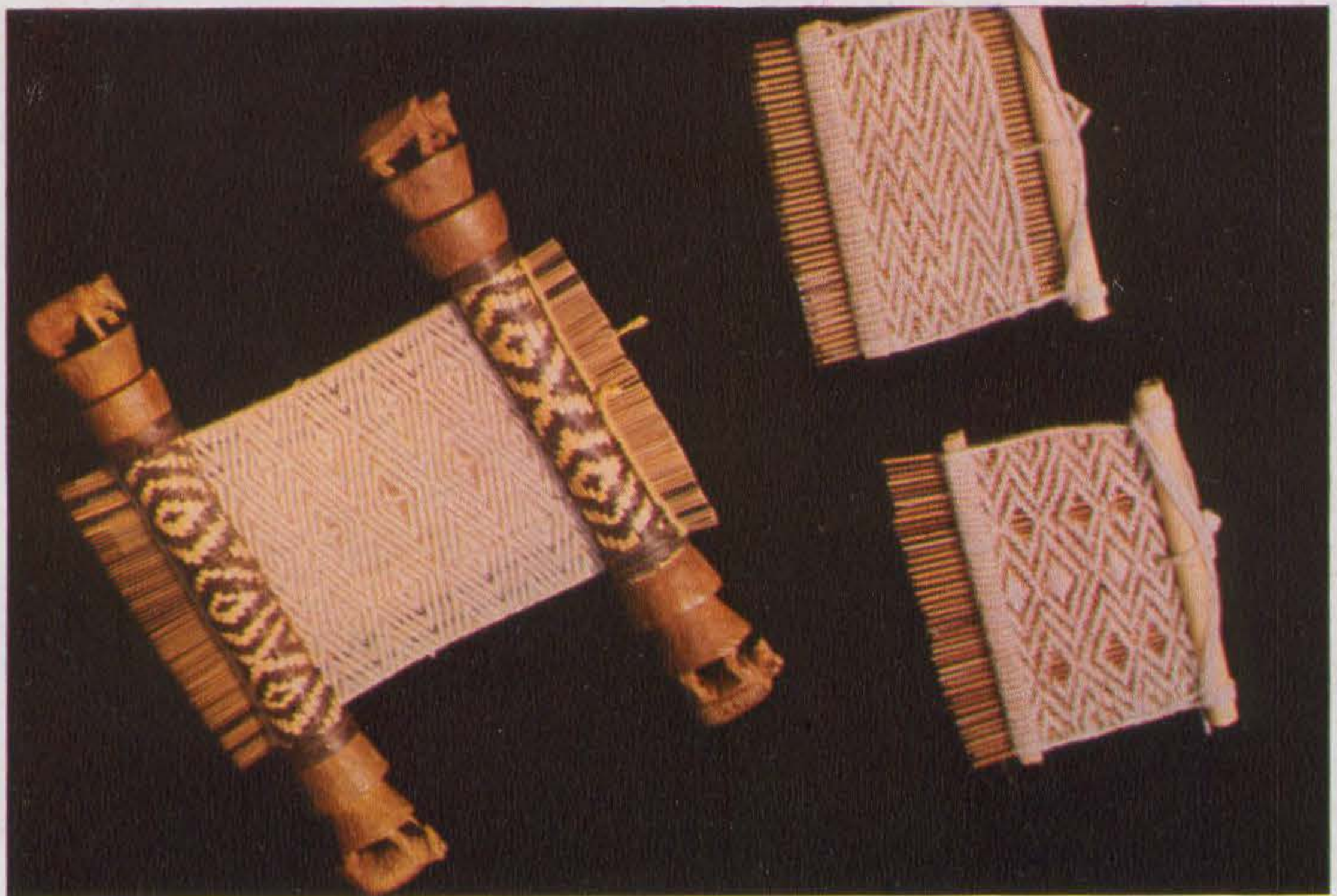
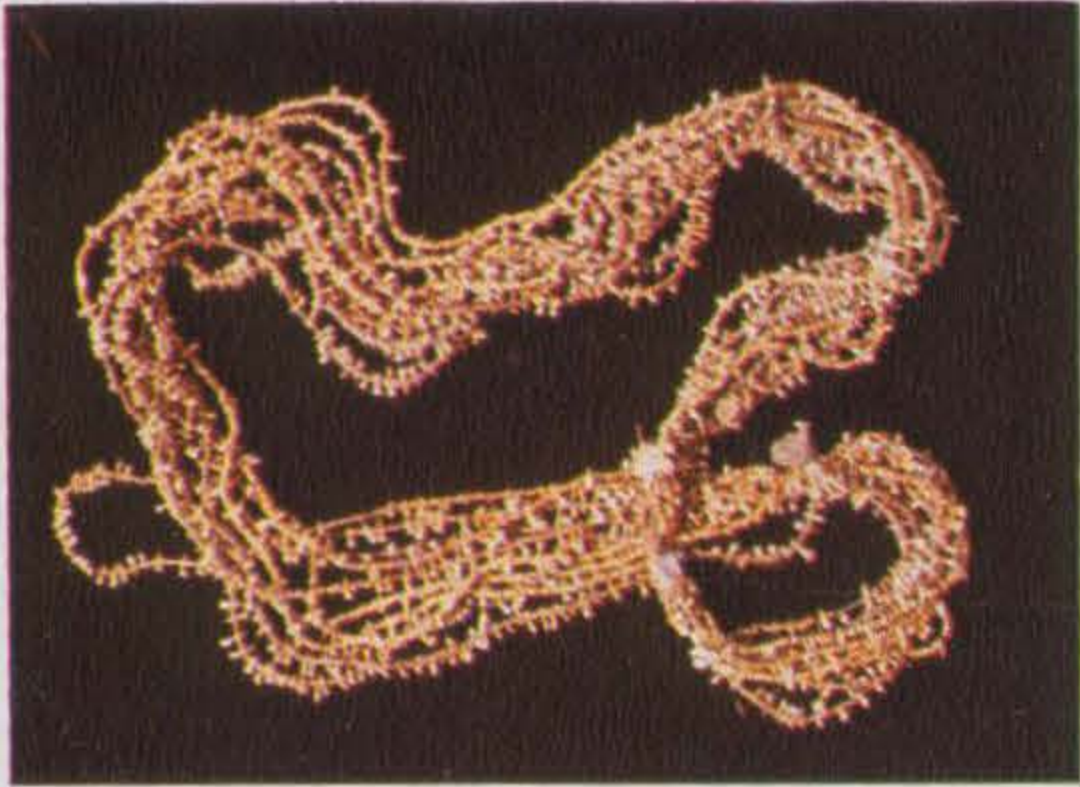
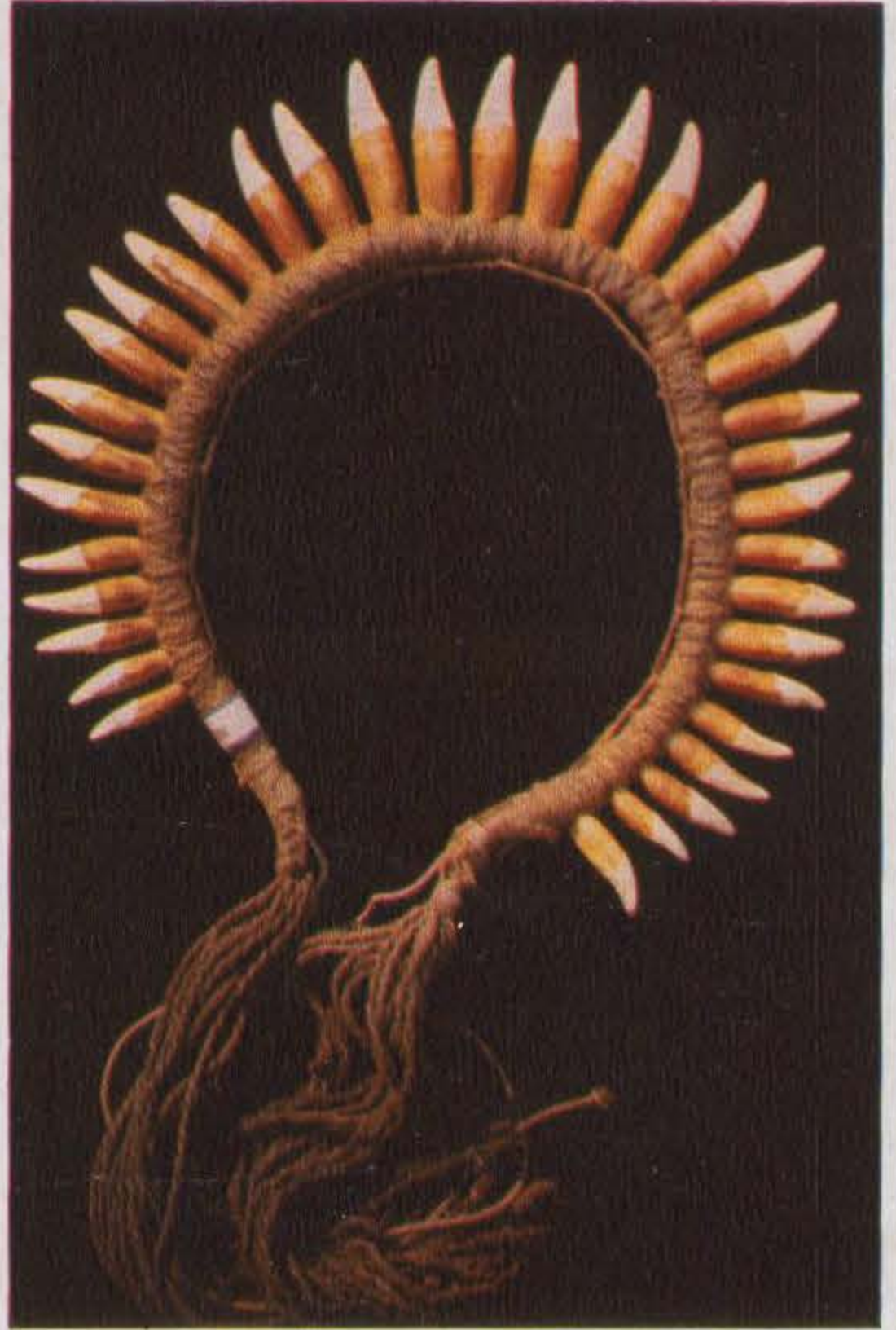
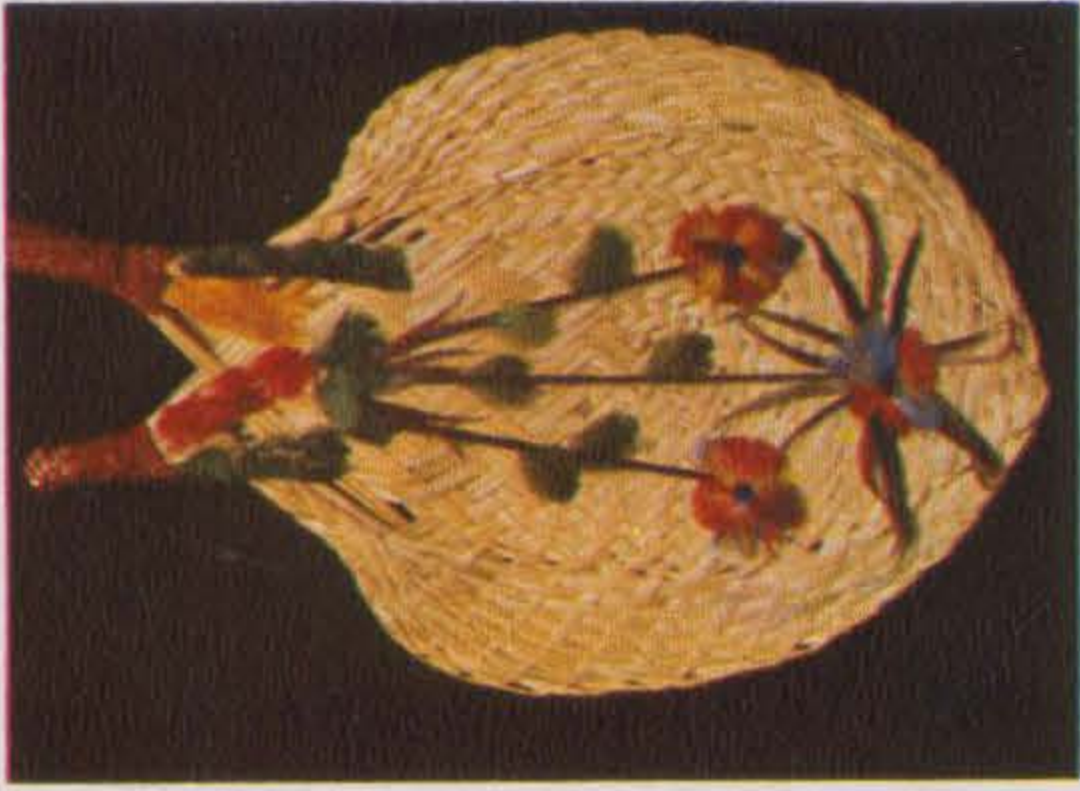


Kamaiurá. Aí nessa escola mantida pela comunidade os jovens ficam reclusos ou semi-internos desde a puberdade, e são liberados quando estão aptos a assumir suas funções na sociedade. Durante esse período de aprendizagem, que varia de três a cinco anos, o adolescente aprende a história da tribo, suas tradições, sua mitologia, e é iniciado em artes manuais, caça e pesca e na sabedoria de viver em harmonia com a natureza. É ali que se forma a personalidade do jovem, e onde ele permanece até o casamento.

Existe um nivelamento cultural do grupo, e por isso todos os guerreiros desempenham o papel de mestre, reunindo-se diariamente no *terreiro de recreação da escola* para relatar as suas atividades, enquanto se ocupam em fazer artesanato ou ensaiar danças, cânticos, competições esportivas, e planejar outras atividades.

A fidelidade às suas tradições é mantida por informantes que de alguma forma tenham vínculo familiar com o *herói mítico* que originou a atividade tratada. Mesmo assim, existem os censores que policiam qualquer tentativa de





**Exemplo da arte indígena:** no alto da página, abano de palha decorado com plumas, dos Baniwa; colar de sementes e dentes de macaco das mulheres Erigpactsó, e um colar de dentes de onça dos homens Kayapó. Em cima, raríssimos pentes zoomorfos feitos pelos Kamaiurá; na foto da página ao lado, cerâmica Karajá.



incorporação de valores estranhos aos temas históricos.

As informações culturais, alegóricas e recreativas, vez por outra migram de uma para outra comunidade primitiva. Mas são adotadas com reservas, no dialeto original, ou com terminologia apropriada. Dessa forma é garantida a sobrevivência de seus valores.

**C**OMO funciona a organização social e cultural do índio? Sua íntima relação com o *herói mítico* e com a natureza inspira-lhe o uso de sinais distintivos que estão expressos na pintura corporal e nos adornos de uso pessoal. Esse comportamento identifica a família, a idade das pessoas e seu estado civil — enfim, define a estrutura social, que se revela estável e retilínea uma vez que os *heróis míticos* se equivalem em importância perante a sociedade tribal.

Nas sociedades primitivas brasileiras todos participam de um regime comunitário, onde

não há inveja, egoísmo ou disputas pessoais e a meta é o indivíduo. Essa é uma regra geral, embora cada grupo se identifique por seus costumes particulares.

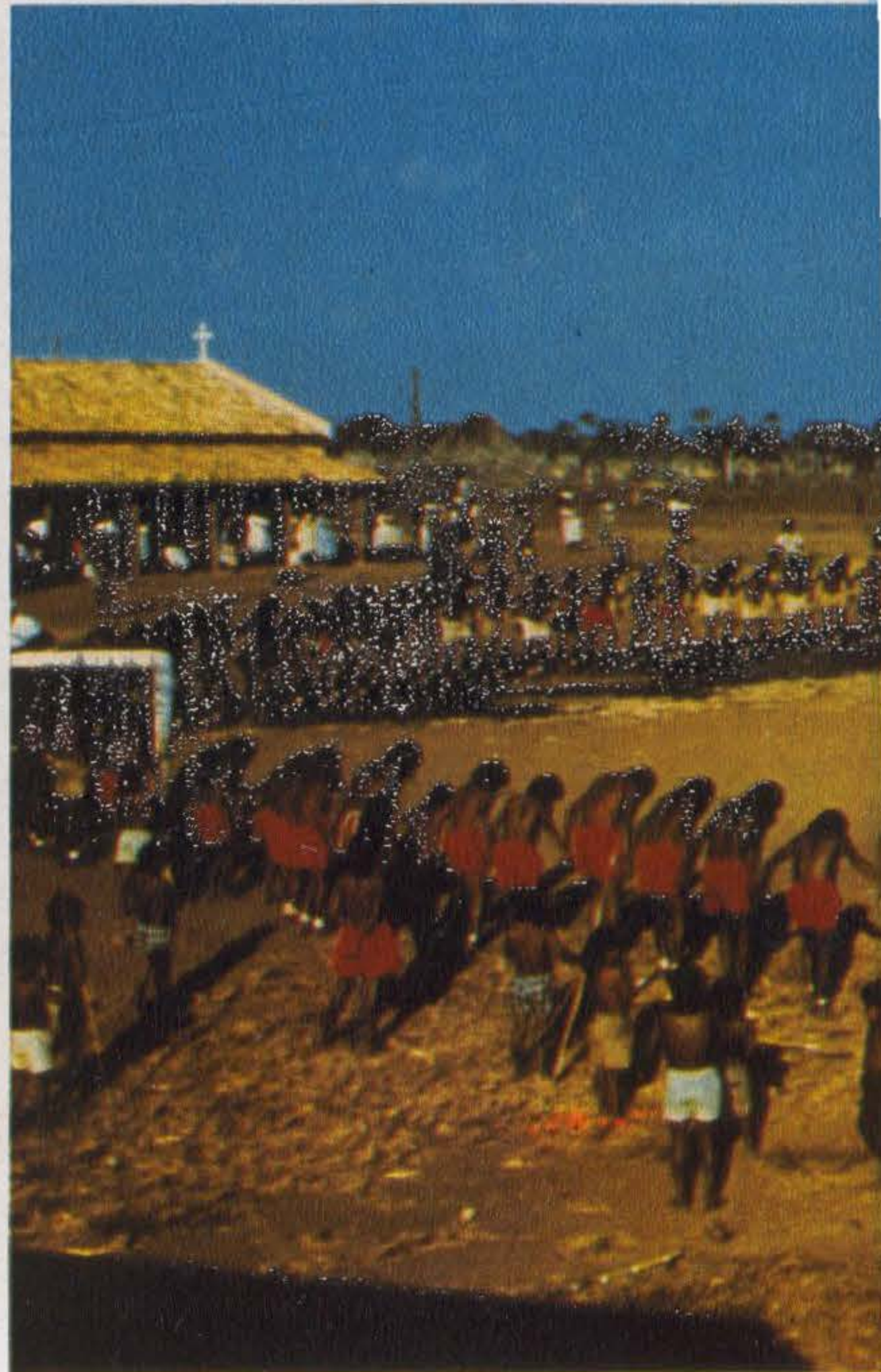
O que poderíamos considerar como camada social e política é mais um acúmulo de função, porque os chefes têm mais deveres que poder. Além de suas obrigações cotidianas, terão que exercer a política. E nessa função o objetivo é sempre o bem-estar do grupo. Nas aldeias Kayapó — por exemplo — quando surge um problema, o chefe do conselho analisa-o em voz alta, no pátio da aldeia. Assim, quando os conselheiros se reúnem na Casa dos Homens, trazem também a opinião familiar sobre o assunto, cabendo-lhes chegar a uma conclusão, e ao cacique fazer executá-la.

Ao contrário do que em geral aprendemos, o cacique não é o mais forte e valente guerreiro.

Entre os índios Tupi, a sucessão processa-se por via hereditária direta, passando a chefia de pai para filho. Se não houver filho, o substi-



**A palha do buriti**, que atrai as forças mágicas, é utilizada pelo pajé Kamaiurá (foto em cima) no ritual Tawanauanã, o espírito protetor da lavoura. Os Xavante (Jê) preferem usar calção vermelho, sua cor protetora. Estes, das Missões de Mato Grosso (na foto ao lado), apesar da influência religiosa, mantêm seus rituais.



tuto imediato é o irmão. No grupo Jê (Kayapó), transmite-se a chefia por via hereditária indireta, passando de tio a sobrinho. Em ambos os casos a formação técnica e psicológica de um cacique vem desde os primeiros passos. Ele é um cacique mirim. Seu raciocínio é dirigido para o sentido abrangente dos problemas comunitários, fugindo ao individualismo. A criança predestinada participa ativamente das reuniões sociais ou políticas com o cacique. Quando atinge a idade escolar, frequenta a Casa dos Homens em igualdade de condições com os outros rapazes. Depois, participa como colaborador do cacique, e quando o substitui não se nota a passagem do cargo.

E são raríssimos os exemplos de usurpação de poder. Como este: Beb-Pron, um cacique Kayapó, um dia castigou Aiby, seu principal colaborador, por seduzir sua esposa. Aiby, confessando-se arrependido, voltou a merecer a confiança do chefe. Porém, quando surgiu uma oportunidade, Aiby matou Beb-Pron e

assumiu a liderança, governando seu povo como um tirano. Kanhonka, o herdeiro de Beb-Pron, era ainda uma criança quando ocorreu o fato. Mas continuou a ser preparado para cacique. Com o passar dos anos, Aiby foi perdendo a liderança e, para não desaparecer violentamente como surgira, passou a chefia a Kanhonka, o cacique de direito. E tudo voltou ao normal.

O xamã ou pajé é um misto de profeta, sacerdote e médico, que estabelece o contato entre o mundo dos homens e o mundo dos espíritos. Para entrar em transe o xamã pode fazer uso do caxiri, bebida feita de farinha de mandioca, do *anaiyeuku*, feita de milho, do *yzayeuku*, de batata, do *elupayeuku*, de banana. Ou ainda do fumo bruto, da diamba ou do *pariká* (*Piptadenia peregrina* L.), rapé, associado ao uso da coca (*Erythroxylon coca* Lamk.). Intoxicado com um desses produtos, ele vive uma outra realidade num mun-



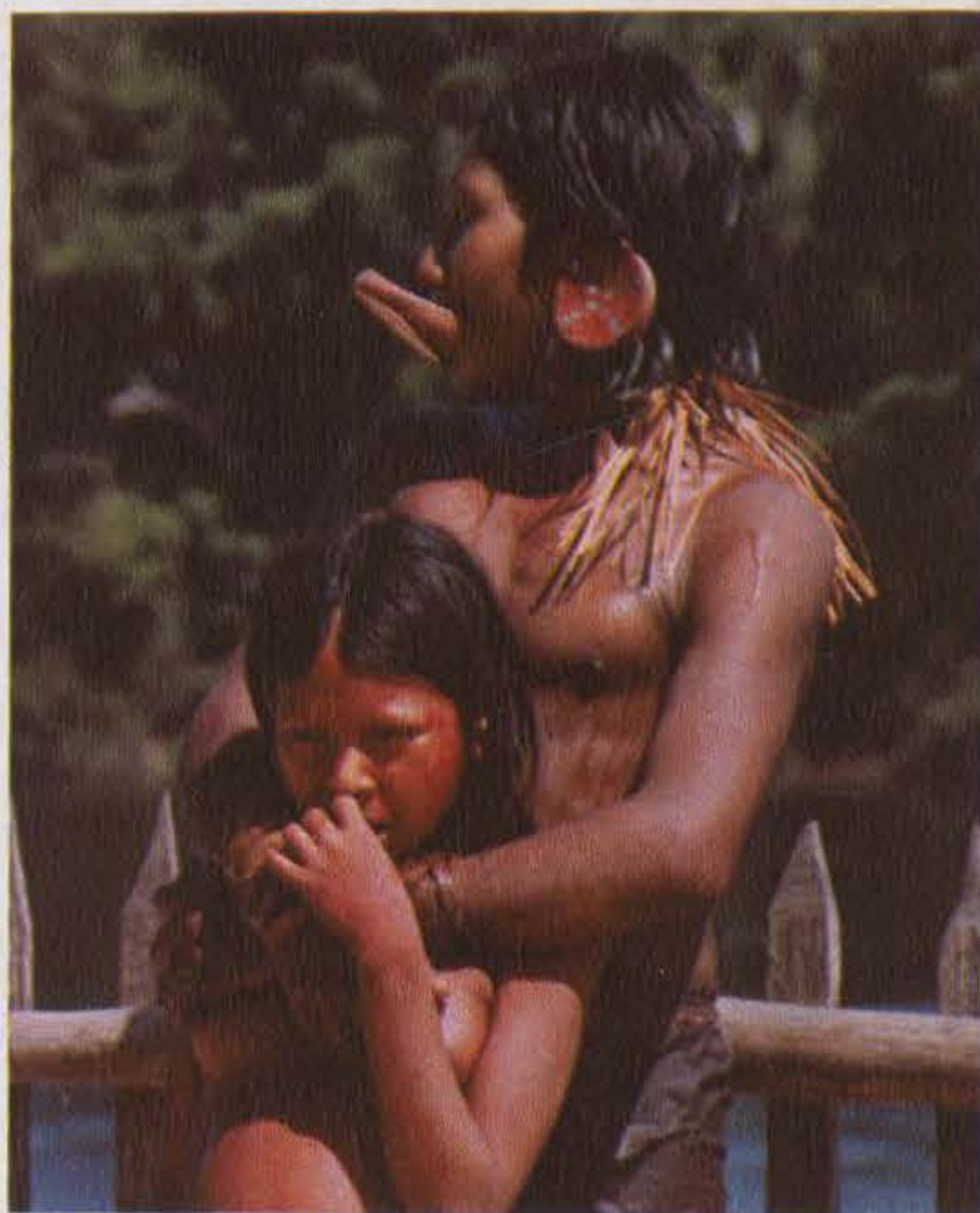


do mágico em que seu universo mental se expande e consegue um direto relacionamento com as forças da natureza, fontes inesgotáveis de experiências sensoriais. Por isso ele é o guia espiritual de seu povo, e pode resolver os problemas de saúde, sempre ligados ao sobrenatural.

Durante os rituais, o passado conserva uma relação estreita com o presente, e os dois tempos se fundem. O índio revive o momento mitológico, que é estático mas permanentemente presente. Durante esses rituais coletivos o povo participa enfeitado com plumas e pinturas, cantando e dançando, enquanto os pajés marcam a cadência com os maracás, flautas e bastões de ritmo, e algumas vezes vestindo *máscaras sagradas*.

Em certa ocasião Kuriála, pajé Karajá, nos revelou: "Quando estou em *trance*, meu espírito viaja pela natureza em companhia de outros. E quando volta ao corpo e desperto, as informações sobre as plantas medicinais e a cura das doenças estão guardadas na mente..."

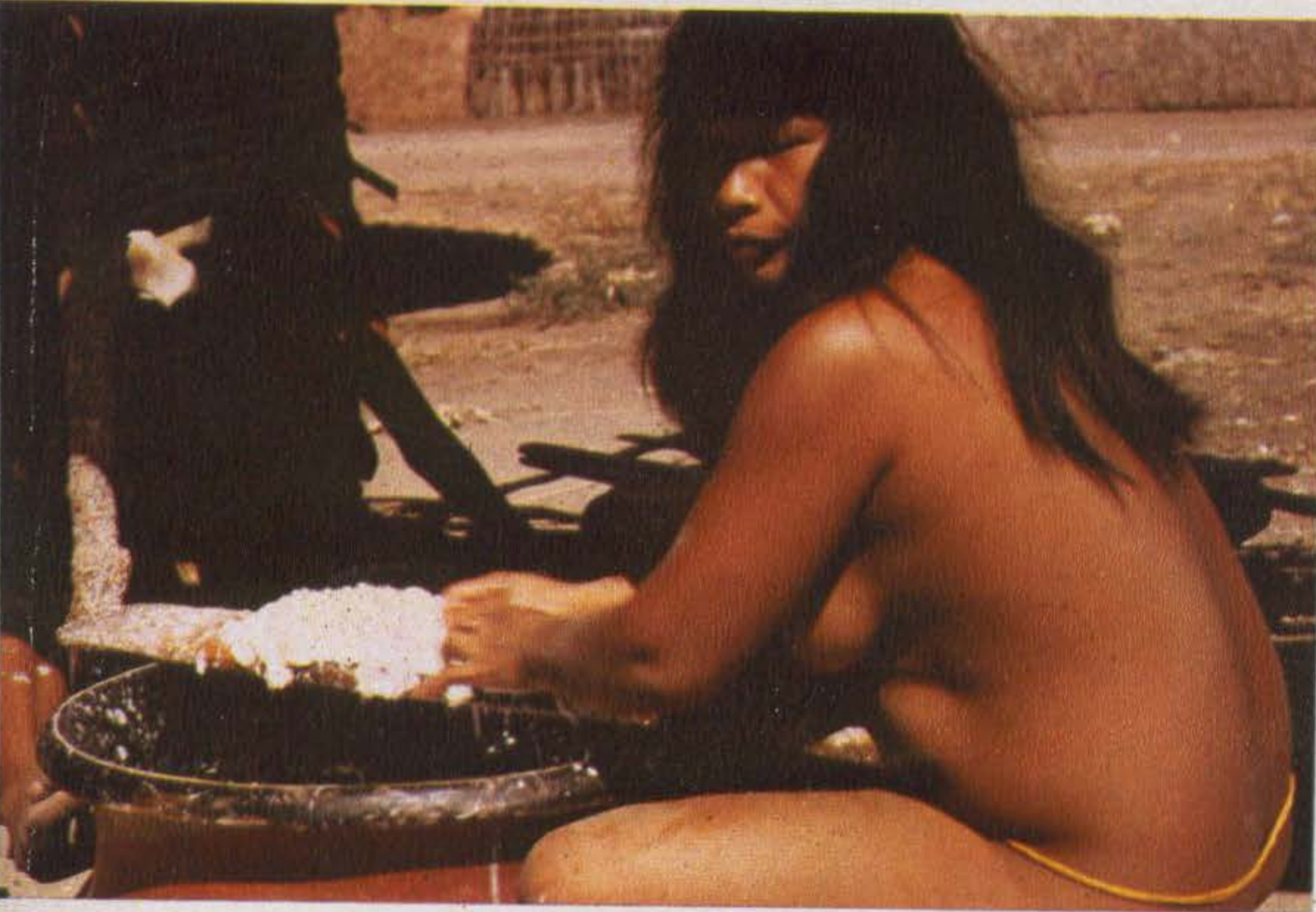
A cultura secular do índio brasileiro, o acurado sentido de identidade com a natureza, a sensibilidade para os mistérios e as informações conservadas pela tradição oral até os nossos dias estão fadados



**Os guerreiros Tupi** sentam-se no pátio onde ficam as sepulturas de seus chefes. Na foto ao alto, Aritana, o cacique Kamaiurá, sentado entre dois companheiros. Em cima, Kokoi, um beicho-de-pau (Jê), e sua mulher. Para o ritual da *onça*, os Txikão (página ao lado), pintam-se com argila (branco) e açafrão (amarelo).



**As jovens índias** são iniciadas nas prendas domésticas antes do casamento. Ao lado, moça Kamaiurá usando um ralador de espinhos de palmeira para fazer farinha de mandioca. Segura por uma tipóia feita de fios de algodão (embaixo, à esquerda), uma criança Juruna é amamentada por sua mãe. Os índios tomam banho várias vezes por dia, para se exercitarem ou para refrescar o corpo. Na foto maior, jovens Kamaiurá durante um banho no rio.



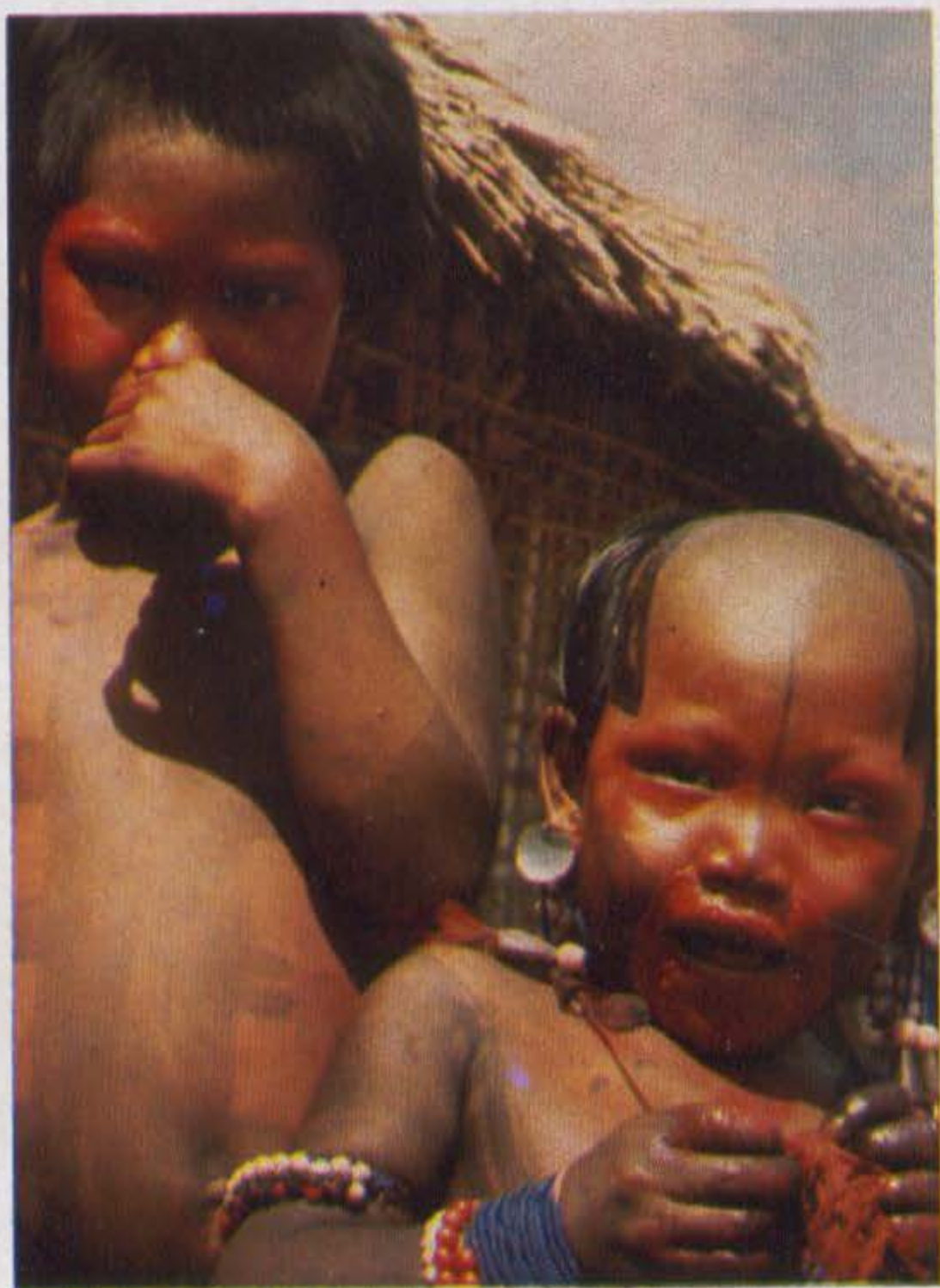
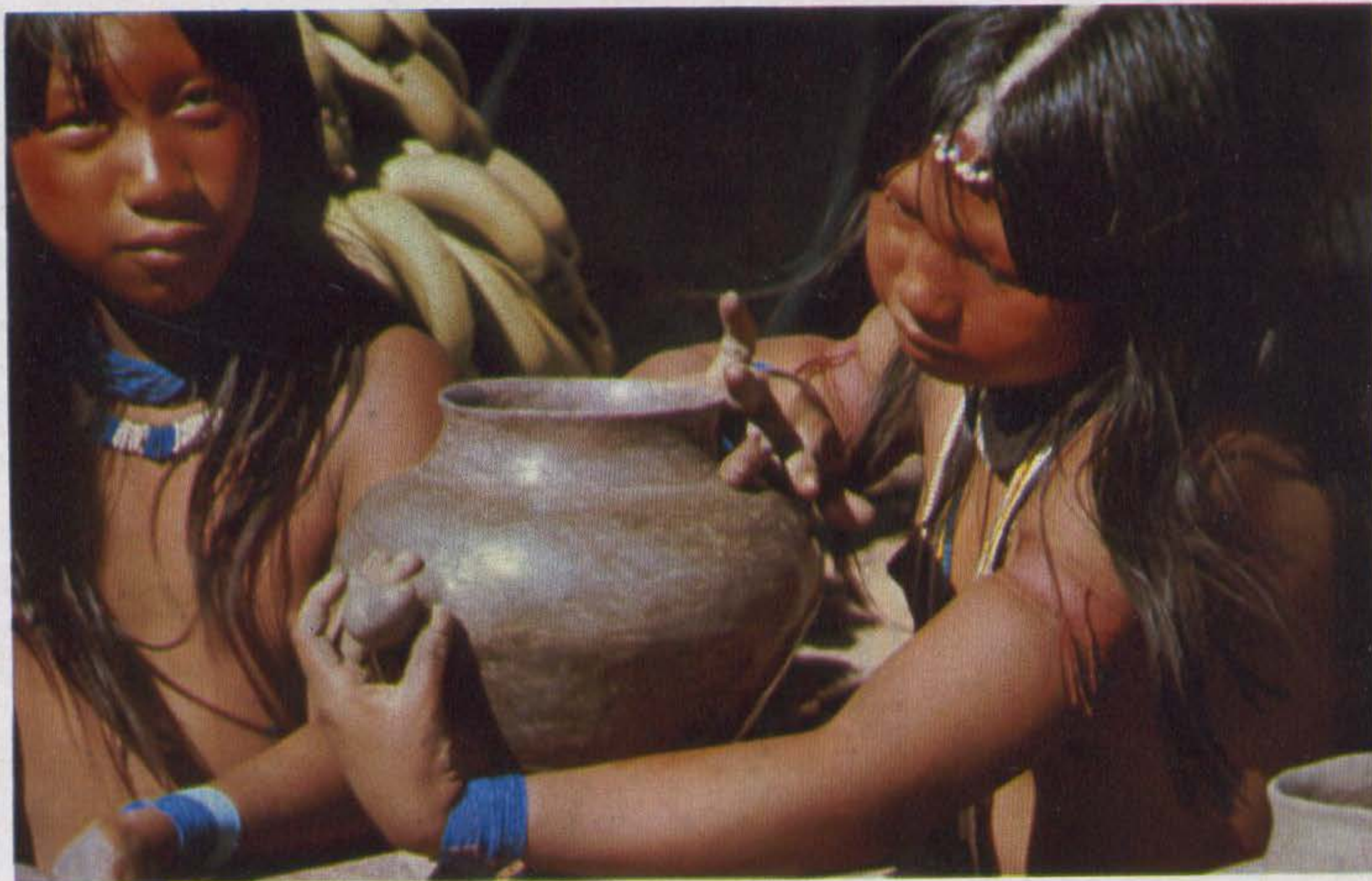
ao desaparecimento, sem que lhes tenhamos captado sua verdadeira dimensão e imenso significado, porque os nossos filhos continuam a aprender erros tradicionais tais como “o índio adora o Sol (?) e a Lua (?), e seu deus é Tupã (?)...”

Na sociedade indígena brasileira, as mulheres se igualam aos homens, em todos os sentidos. As restrições a certos tipos de atividades possuem raízes mitológicas e estão relacionadas com os tempos cíclicos expressos em algumas lendas. Seu comportamento sexual, por exemplo, é tão livre quanto o do homem, e antes do casamento, na maioria dos grupos, ela pode ter quantos amantes desejar, uma vez que logo após a puberdade recebe um trata-

mento especial que lhe provoca a esterilidade temporária. Para tanto, toma um chá durante uma semana e fica até dois anos sem perigo de fecundação. Além desse tratamento, ela faz um regime alimentar e recebe ensinamentos sobre o comportamento sexual. Quando está em condições, é iniciada. É nessa época que as mulheres aprendem que existem oposições entre os sexos quanto à organização social, econômica, religiosa e política. E que a sua condição de mulher não significa submissão ao homem, muito embora tenha obrigações de manter a harmonia tradicional nas atividades femininas do grupo.

De um modo geral, o índio dedica ao filho um amor tão profundo que raramente é igua-





**A cerâmica indica** a evolução cultural primitiva. Na foto ao alto, duas jovens Juruna fazendo uma panela. As crianças índias recebem cuidados de todos nas aldeias. Na foto em cima, duas meninas Krãiakóre (Jê), raptadas pelos Suiá, do Pará. À direita, um pequeno Txukarramãe toma banho de rio.

lado, e suas reações afetivas gravitam em torno do bem-estar do bebê. Quem agrada ao filho, mesmo não sendo amigo do pai, é respeitado como amigo do filho. A criança é alvo de todas as atenções, e quando se aproxima dos adultos, mesmo não sendo parentes, estes param suas atividades para atendê-la. Ela jamais sofre agressões físicas, nem mesmo um simples grito. Quando é necessário, recebe conselhos persuasivos — sempre a meia voz.

**É** certo que as dificuldades na coleta de informações culturais diretamente dos índios nem sempre se originaram da imperícia dos pesquisadores modernos, que, sempre apressados, de lápis e papel em punho ou simplesmente com um gravador, começam logo a argüí-los, sem qualquer preâmbulo. Diante do civilizado o índio assume uma atitude de respeito e recato, ou de curiosidade, mas na realidade ele, arguto e inteligente, gosta de se divertir, *pregando peças*.

Certa ocasião, observamos um informante nativo confirmar as errôneas suposições de um

jornalista apressado. Então, perguntei ao índio em seu dialeto:

— Por que você faz assim?

— *Borreto!* (não sei!) — respondeu o Karajá.  
— Ele parece que já sabe tudo, não é?...

E é de praxe entre eles — que são bons anfitriões — confirmar sempre tudo aquilo que por acaso o visitante estiver relatando. Portanto, se durante uma entrevista alguma pessoa deixar transparecer que já tem uma resposta, o índio poderá confirmar ou não, e isso naturalmente de acordo com a colocação da pergunta. Se alguém disser a um Karajá: “Levei um tombo!”, ele confirmará assim: “Sei disso porque você está me dizendo!” E essa resposta será dada ainda mesmo que o índio tenha presenciado a queda.

A forma mais indicada que encontramos para recolher informações culturais dos índios foi participar intimamente das suas atividades, seus usos e costumes, aprender seus dialetos e ter o privilégio de ser adotado por uma família indígena. Essa artilosa intromissão nos deu ótimos resultados. □

